

QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS NA CIÊNCIA DA RELIGIÃO REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE PEDAGÓGICA II

Entrevista concedida por Marcelo Camurça, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e autor, entre outros títulos, do livro *Ciências Sociais e Ciências da Religião: interlocuções e polêmicas* (Paulinas, 2008).

*Gilmar Gonçalves da Costa**

*Claudio Santana Pimentel**

Na entrevista concedida aos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, o professor Marcelo Camurça discute questões como a identidade da Ciência da Religião, sua relação com as Ciências Sociais, os desafios e as possibilidades profissionais aos egressos dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciência da Religião.

1. O que o senhor nos diz sobre o desafio de refletir sobre a identidade e a autonomia epistemológica da Ciência da Religião?

R: Considero realmente um desafio conciliar satisfatoriamente essas duas exigências para o êxito de nossa área acadêmica da (s) Ciência (s) da Religião no Brasil. Sem dúvida, é preciso que tenhamos uma identidade nítida diante do campo das Ciências Humanas, mas também nossa autonomia em relação às disciplinas que compõem esse campo (Filosofia, Teologia, História, Ciências Sociais, Psicologia) tem de ser uma autonomia relativa, sob pena de nos descolarmos das disciplinas que realmente produzem reflexão e conhecimento sobre a realidade humana. Defendo, portanto, que a (s) Ciência (s) da Religião, enquanto área interdisciplinar, esteja em estreita sintonia com o que de mais avançado surja em termos teóricos gerais em cada uma dessas

* Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

disciplinas e que sejamos nós, nas Ciências Humanas, o polo que produza a mais alta e inovadora concentração desses saberes no tema da religião.

2. Tendo em vista a área de conhecimento da Ciência da Religião, o que o senhor nos diz sobre os debates e interações entre a Ciência da Religião e as Ciências Sociais?

R: Ao contrário da Europa, no Brasil foram as Ciências Sociais que tradicionalmente se ocuparam do tema da religião numa perspectiva não teológica. Uma consequência desta primazia das Ciências Sociais no tema da religião no Brasil, sentida por pesquisadores e docentes de nossa área das Ciências da Religião (mesmo os que têm formação em Ciências Sociais, mas atuam no campo das Ciências da Religião), é certo estranhamento e incômodo dessas prestigiosas Ciências Sociais diante das iniciantes Ciências da Religião quando utilizam suas teorias e métodos para compor um campo de saber próprio. Soma-se a isso uma desconfiança por parte das Ciências Sociais face à eleição do objeto religião como merecedor de uma “Ciência” inteiramente dedicada a ele. Isso teria levantado suspeitas de que as Ciências da Religião possuiriam finalidade mais apologética que científica, encobrindo os “interesses religiosos” de seus agentes. Mas pouco a pouco, por meio da participação de nossos docentes e discentes em fóruns científicos das Ciências Sociais (ANPOCS, ABA, SBS); assim como a presença cruzada de profissionais de Programas de Ciências da Religião e de Ciências Sociais em bancas de dissertação e doutorado, esse mal-entendido vem sendo sanado e a relação vem evoluindo na direção do que aponte na resposta anterior.

3. Qual seu ponto de vista a respeito da aproximação entre a pesquisa acadêmica da religião e a transposição didática e seus resultados no ensino religioso?

R: O risco de um reducionismo e de um esquematismo que descambe para uma vulgarização entre a pesquisa e a docência acadêmica numa ponta e a aplicação didática em outra não é privilégio da área das Ciências da Religião, mas se estende por todos os campos dos saberes acadêmicos. Por outro lado, é de vital importância que as atividades que se desenvolvem no âmbito da pós-graduação e da pesquisa tenham sua correspondência nas esferas do ensino de graduação e secundário. Ainda mais em um país como o nosso, em que a religião joga um papel essencial na identidade nacional, é preciso que essa experiência seja refletida para a população no ensino médio e

universitário. E aí entra a contribuição das Ciências da Religião para orientar as autoridades educacionais do país e assegurar que o processo resulte em um “estudo da religião não partidário, empírico e empático”, para lembrarmos as palavras de Michael Pye.

4. Comente a relação entre o atual panorama religioso brasileiro e o desenho metodológico dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião neste país, sobretudo da UFJF?

R: Várias disciplinas e linhas de pesquisa em nosso Programa mantêm uma correspondência com a estrutura e dinâmica de nosso campo religioso brasileiro, buscando perceber seus desdobramentos em termos de competições, sincretismos, “mercado de bens simbólicos”, etc. Por exemplo, temos uma disciplina com o título e conteúdo “Campo Religioso Brasileiro”, assim como uma Linha de Pesquisa com o mesmo nome e ementa. Os outros Programas em Ciência da Religião também possuem estruturas curriculares e linhas de pesquisa similares. Além das disciplinas teóricas como Sociologia da Religião, Antropologia da Religião, há aquelas em que teorias sociológicas, antropológicas, entre outras, são aplicadas aos fenômenos, práticas e crenças religiosas no Brasil, como o catolicismo, protestantismo, pentecostalismo, espiritismo, religiões afro-brasileiras e os chamados neoesoterismos.

5. O que o senhor nos diz sobre a relação entre a Graduação em Ciência da Religião e a autonomia acadêmica da Ciência da Religião?

R: Como respondi acima, considero essencial a existência no ensino secundário da disciplina “Ensino Religioso” em sua configuração de Ciências da Religião, logo distinto do ensino catequético e proselitista. E mais ainda, acho mesmo que está se abrindo a possibilidade cada vez maior de instalação nas universidades brasileiras de cursos de Ciências da Religião. Nós na UFJF iniciaremos no ano que vem [2012] um Bacharelado em Ciência da Religião, como um desdobramento de um Bacharelado em Humanidades num consórcio com os cursos de Turismo e Ciências Sociais dentro do Instituto de Ciências Humanas. Com os dois primeiros anos do curso, o aluno conclui seu bacharelado em Humanidades, podendo optar nos dois anos seguintes por um bacharelado nessas três áreas. Tudo isto está sendo feito na esteira do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) no MEC. Para nós da

Ciência da Religião, o fato de termos um curso de graduação completa nosso ciclo acadêmico e amplia nosso raio de atividades da pós-graduação para um ciclo muito mais abrangente de estudantes, ampliando também as possibilidades profissionais para os mestres e doutores formados em nossos Programas de Ciência (s) da Religião.

6. Em um mundo marcado pela disputa do mercado de trabalho, quais são seus comentários no tocante a nossa Disciplina sobre o campo de atuação profissional do cientista da religião?

R: Como disse anteriormente, acho que a saída são os cursos de “Ensino Religioso” no Ensino Médio e os cursos de “Ciências da Religião” no ensino superior público e privado. Temos tido informações da iniciativa de vários “cursos livres” de Ciências da Religião ou Estudos da Religião propostos e aceitos e que funcionam em instituições privadas no País. O desafio é tornar essa iniciativa não regular em cursos institucionalizados.

Outra “luta” é tornar nossos cursos de pós-graduação válidos, como “áreas afins” para concursos na esfera pública de docência e pesquisa, quando nossa formação no tema da religião tiver a especificidade em Sociologia, Psicologia ou Filosofia (da religião). Isso está acontecendo numa perspectiva ascendente, mas há pouco tempo tivemos um aluno aprovado para um concurso público federal que teve seu diploma de mestre em Ciência da Religião não validado como “área afim” do referido concurso, e por isso não pôde assumir o cargo. Isso é inaceitável! Mas tudo isso vai depender de nossa força política como área acadêmica junto às instituições de ensino e pesquisa do País. É um longo caminho que ainda temos que trilhar, mas as perspectivas são alvissareiras.